

Ulysses recusa-se a convocar Diretório

Presidente do PMDB almoça com líderes, mas não toma conhecimento da sua nota

"Constituição, já! Constituição imediatamente". Mais uma vez o presidente Ulysses Guimarães firmou ontem sua posição de não discutir outros assuntos após a Constituinte. Ele não quer saber de eleições diretas este ano, de rompimento ou mesmo convocação do Diretório Nacional. "Não examinei o documento", respondeu aos repórteres, ao ser indagado sobre as decisões tomadas pelo chamado grupo histórico, que se reuniu no último sábado. Para Ulysses, a preocupação nesse momento deve ser somente com a Constituinte.

"Convenção e outras preocupações nós devemos deixar para depois da Constituinte. A Constituinte já absorve muito do nosso tempo", disse Ulysses, considerando que o PMDB vai precisar ainda de muitas reuniões como a de ontem, "pois outros partidos, outros grupos, estão fazendo isso", comentou ele, acrescentando ser esta sua grande preocupação. No entanto, ele reconhece o direito de seus companheiros decidirem da melhor maneira que entenderem.

O presidente da Constituinte declarou que o objetivo da reunião com lideranças do seu partido, em sua casa, foi estabelecer um levantamento das emendas, para facilitar a votação em plenário. Segundo ele, o resultado foi muito bom e os temas polêmicos foram examinados assim como continuarão sendo examinados. A questão, do seu ponto de vista, é fazer diminuir o campo da contrové-

ria, "onde não há entendimento", a fim de que se economize o tempo das discussões no plenário.

Questionado sobre a posição de Ulysses de não apoiar a convocação do Diretório Nacional do PMDB antes do término da Constituinte, o senador Mário Covas disse que isso "independe de sua vontade", mas garante que, havendo a reunião, que poderá ser convocada com a assinatura de 41 dos 121 membros do Diretório, Ulysses vai participar. "O confronto não é com Ulysses, mas com o Centrão", afirmou o líder, visivelmente cansado.

O deputado Antônio Brito assumiu posição idêntica à de Covas. Segundo ele, Ulysses não queria convocar a Convenção de Julho, e ela saiu; foi contra os quatro anos para Sarney, e os quatro anos ganharam; não concordava com a reunião dos históricos, e ela aconteceu. "Ulysses vai acabar nos acompanhando, pois não se segura uma montanha", concluiu o deputado gaúcho.

Já o deputado Nelson Jobim, também do Rio Grande do Sul, concorda com Ulysses quanto a não tomar qualquer decisão, como o rompimento, enquanto não for promulgada a nova Carta. Explicou, porém, que o documento de Scalco — que colhe assinaturas para uma reunião do Diretório Nacional do partido — não determina quando acontecerá o rompimento com o Governo, caso a proposta seja aprovada.



Ulysses despede-se de Covas, ao lado de Serra, Fernando Henrique e Scalco

Quércia não admite a convocação

São Paulo — Convocar uma reunião do Diretório Nacional do PMDB em fevereiro para discutir questões como o rompimento com o governo Sarney ou a atuação dos integrantes do Centrão pode acabar "atropelando" os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte e atrair ainda mais a votação em plenário. A advertência foi feita ontem pelo governador Orestes Quércia, que negou, mais uma vez, ser candidato à Presidência da República, mas participou de outra solenidade pública em clima de campanha eleitoral, quando cerca de quatro mil pessoas se reuniram no ginásio do Clube Esportivo da Penha, na Zona Leste, para o lançamento de um programa que prevê a instalação de 5 mil quilômetros de redes coletoras de esgoto até 1991.

Durante a solenidade, ao som de bateria de escola de samba, os oradores que se revezaram ao microfone lançaram o nome de Quércia para a Presidência e o de seu secretário de Obras, João Leiva, à prefeitura.

Cauteloso ao responder às perguntas sobre a reunião dos históricos em Brasília, Quércia disse que o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, é quem deverá conduzir o processo em torno da proposta de convocação do diretório, "possivelmente com o apoio de todos os governadores, para evitar que se atropelasse a Constituinte".

DIVERGENCIAS

Sempre evitando polemizar com o grupo dos Históricos, Quércia considerou normal e fruto de uma postura democrática o fato de o senador Mário Covas ter defendido uma posição diametralmente oposta à sua com relação ao candidato a Presidência da República, pelo PMDB.

Enquanto Quércia tem dito que o candidato do partido deve ser apoiado pelo presidente Sarney, Covas prega um candidato contra o governo Sarney. Opiniões divergentes, segundo o governador, terminam no momento em que o partido define sua posição, a ser seguida por todos.

Contudo, Quércia acha que as divergências em torno das posições do Centrão deixarão de existir a partir do momento em que se votar a nova Constituição.

O mesmo espírito conciliado marcou as respostas do governador com relação à intenção do Palácio do Planalto de lutar pelos 5 anos de mandato para Sarney. Para Quércia, "é um direito legítimo das pessoas ligadas ao presidente Sarney lutarem pelos seus objetivos".

Cardoso reúne governadores e admite 4 anos

Belo Horizonte — Reunir os governadores do PMDB para debater sobre a duração do mandato do presidente José Sarney, a economia nacional e encontrar uma fórmula para acelerar os trabalhos na Constituinte. Esta é a finalidade do encontro que o governador Newton Cardoso articula com seus colegas peemedebistas dia 19 próximo, nesta capital.

Newton Cardoso assegurou que ao encontro comparecerá a maioria dos governadores do País. Ele disse que na oportunidade os governadores discutirão, entre outros temas, a necessidade ou não de adaptar a "declaração do Rio de Janeiro, no qual hipotecavam apoio a um mandato de cinco anos para Sarney, à realidade". Cardoso garantiu que continua firme em sua posição de defesa de um mandato de cinco anos para o presidente, mas admitiu, caso esta seja a vontade da maioria de seus colegas, rever sua opinião, engajando-se na proposta de quatro anos.

— Precisamos saber se os governadores querem seis, cinco ou quatro anos, ou até mesmo a realização de eleições, já. Continuo firme nos cinco anos, mas tenho de ouvir o colegiado. Desde que meus pares não estejam mais com cinco anos, posso mudar — explicou.

Cardoso conclamou o PMDB a auxiliar o presidente Sarney na tarefa árdua de governar o País. Ele frisou que "a hora é de somar os valores e não de criação de grupos nos quadros do partido, principalmente porque esse fator fortalece os pequenos partidos".

Cafeteira diz são "xixitas" que líderes

São Luís — O governador Epitácio Cafeteira, do Maranhão, disse, ontem, que "o movimento dos históricos do PMDB é um movimento de ressentimentos, pois todos os que dele participam são ressentidos e parecem estar cegos para não ver que o ressentimento em política não é uma boa coisa, pois tira a tranquilidade, a sensibilidade e até a capacidade de ver o País no seu conjunto".

Chamando os líderes do movimento dos históricos de "grupo de xixitas", o governador Epitácio Cafeteira afirmou que "está convencido de que a única consequência dessa luta interna pode ser uma fatal explosão da legenda, que na sua opinião nunca passou de uma frente à qual estão agregadas as mais diversas tendências ideológicas".

Históricos lutam por mais espaço

São Paulo — Ampliar seu espaço na direção partidária é um dos principais objetivos dos históricos do PMDB com a proposta de convocação do diretório nacional para uma reunião em fevereiro. Nesse encontro, eles pretendem indicar o senador paranaense José Richa para ocupar uma das três vice-presidências do PMDB, vaga desde o ano passado quando o senador Afonso Camargo deixou o partido para se filiar ao PTB.

Como as duas outras vice-presidências estão ocupadas por governadores — Pedro Simon e Miguel Arraes — impedidos de exercerem o cargo, os históricos ampliariam seus domínios na direção partidária, num momento em que o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, tem adotado posições conciliadoras, evitando atritos quer com os históricos, quer com os integrantes do Centrão.

Os históricos, segundo montoro, querem desencadear uma campanha de rua pelas eleições presidenciais em 88, semelhante à campanha das diretas: suprapartidária e sem candidatos a sucessão de Sarney. Essa ideia, segundo montoro, deverá ser discutida no encontro do diretório.

Hoje, Montoro deverá encontrar-se com o governador Orestes Quércia para apresentar-lhe um relato da reunião dos históricos, cujo grande resultado, em sua opinião, foi a manutenção da unidade partidária.

Líder fala em saco de gatos

Entre os 103 constituintes identificados como "históricos" na reunião de sábado, pelo menos dois são do Centrão (Rosa Prata, de Minas, e Francisco Carneiro do Distrito Federal) e vários outros votaram algumas vezes com o grupo. Como podem, então, se unir em pontos como "repúdio à ação dos membros do PMDB que se afastando desses compromissos (aprovados em convenção partidária) se aliam às forças reacionárias dentro da Constituinte".

O senador José Fogaça (RS) disse que a contradição é deles mas o fato é que nem todos os históricos são autênticos e a reunião de sábado deveria ser apenas de históricos autênticos. Formam agora mais um grupo que inclui Ulysses e alguns governadores que não participaram da reunião — o que Fogaça chamou de "ausência formal".

Com tantos grupos, frentes, movimentos, adjetivos, tornam-se cada vez mais complexas as análises e prognósticos da futura Constituição. Por exemplo, uma Constituinte que pode ser parlamentarista opta pelos 4 anos, é contra o rompimento com o governo, vota na jornada semanal de 44 horas, condena a definição de empresa nacional do Cabral, apóia a Reforma Agrária e é do Centrão. Em tempo, é um dos fundadores do MDB. Como defini-lo?

"A denominação de históricos foi feita pela imprensa", defenderam-se ontem Fernando Henrique Cardoso (SP) e Antônio Brito (RS). Está difícil fazer qualquer análise e mais difícil ainda para a imprensa transmitir e o leitor entender.

"Um saco de gatos" concordou o líder do PMDB no Senado.

Covas agora vai atrás de adesão

Diante da resistência do presidente Ulysses Guimarães em convocar o Diretório Nacional do PMDB, como foi solicitado pelos líderes do grupo histórico do partido, o senador Mário Covas (SP) anunciou ontem que a convocação será feita através do apoio de um terço dos integrantes do diretório (41 membros).

Ele reconheceu que seria importante o apoio de Ulysses, mas procurou minimizar os efeitos da sua decisão lembrando que o confronto dos históricos será com os membros do partido que integram o Centrão. Antes de apresentar

as conclusões da reunião dos "históricos" ao presidente do partido, entretanto, Covas tinha uma posição totalmente diversa. Ele argumentava que Ulysses estaria apoiando as teses deste grupo se assumisse a convocação do diretório. Confiante numa resposta favorável do presidente, ele chegou a afirmar:

— Está na hora de saber quem está com quem.

Ontem, já informado sobre a posição de Ulysses, manteve a tranquilidade e assegurou que o grupo não abre mão da sua disposição de convocar o diretório: — Vamos convocar de qual-

quer jeito. As assinaturas já estão sendo colhidas e não haverá problemas para chegarmos a um terço do diretório.

Também procurou desfazer a ideia de que o seu grupo procura o conflito dentro do partido: — A reunião será convocada por um grupo que pretende fazer o partido retornar às suas teses. Apenas isto.

Como justificou um de seus vice-líderes, os históricos querem minimizar o clima de confronto dentro do partido, com o objetivo de atrair os parlamentares independentes, muitos deles influenciados pelo presidente Ulysses Guimarães.

Em meio a essas declarações, o senador afirmou que não quer se envolver em uma discussão de quem está com quem. Ele afirmou que não quer se envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

— Não quero me envolver em uma discussão de quem está com quem. Eu quero me envolver em uma discussão de quem está com quem.

Propostas estão prontas

As principais lideranças do PMDB no Congresso Nacional e Constituinte estiveram reunidas ontem na casa do presidente Ulysses Guimarães das 9 horas da manhã às 4 horas da tarde, discutindo os pontos considerados mais polêmicos na Constituinte. O objetivo foi buscar uma posição política que possibilite uma atuação uniforme do partido a respeito desses temas. Mas Ulysses anunciou que não convocará o Diretório, como querem os líderes, todos eles participantes do grupo histórico.

Arrematada com uma sucinta feijoadinha, sem polre, a portas fechadas para a imprensa, a reunião foi também aproveitada para uma leitura das emendas apresentadas pelo Centrão. De acordo com José Fogaça, o primeiro a deixar o local, os peemedebistas discutiram de Procuradoria Geral da União até tributos, sendo a conciliação da empresa nacional o tema que exigiu maior tempo de discussão.

Para Fogaça, o fato da reunião ter sido realizada na casa de Ulysses e de os participantes serem todos ligados aos históricos, por si só já demonstra identificação do presidente do partido com as propostas do grupo. Além disso, segundo ele, o PMDB estava ali com as suas mais expressivas lideranças: Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte; Fernando Henrique Cardoso, líder no Senado; e Ibsen Pinheiro, líder do partido na Câmara.

AS PROPOSTAS
Como resultado das discussões, os peemedebistas decidiram-se não somente por apresentar emendas ao projeto de Constituição, mas definiram também os temas que deverão merecer maior trabalho de sustentação política, com vistas a garanti-los da forma como já se encontram no texto aprovado pela Comissão de Sistematização. Conforme foi apurado, são os seguintes os pontos já definidos pelo PMDB.

Empresa Nacional — Decidiu pela sustentação do texto, conforme foi aprovado pela Comissão de Sistematização: "Será considerada empresa nacional a pessoa jurídica constituída e com sede no País, cujo controle decisório e de capital votante esteja, de caráter permanente, exclusivo e incondicional, sob a titularidade direta ou indireta de pessoas físicas domiciliadas no País ou de entidades de direito público interno".

Trem da Alegria — O PMDB não vai admitir o que considera "trem da alegria" (art. 47 das Disposições Transitórias, que dá estabilidade a todos os servidores públicos que à data de promulgação da Constituição tenham completado cinco anos de serviço). Para Antônio Brito (PMDB/RS), também presente à reunião, "na Sistematização o PFL não permitiu a derrogação do trem. E agora o Centrão propõe estabilidade para os servidores públicos mas não aceita a estabilidade para os trabalhadores do setor privado.

Mandato de Governo — Como era de se esperar, essa questão ainda continua dividindo mesmo as lideranças do PMDB, que decidiram levá-la para o plenário. Quatro ou cinco anos para o presidente Sarney vai ser definido pelo voto. "É impossível se tirar uma posição comum".

Emendas saem até amanhã

As lideranças do PMDB na Constituinte encerraram, na reunião de ontem, a fase de definição política das emendas a serem apresentadas. Hoje e amanhã, elaboram a redação final e apresentam as propostas ao final do prazo que termina na quarta-feira.

Questionado quanto à estratégia a ser adotada durante a votação em plenário, o vice-líder Nelson Jobim (RS) disse que tudo o que vai acontecer dependerá da forma que produzirem os destaques. A possível preferência das propostas do Centrão não vai prejudicar as emendas e destaques que os autênticos vão apresentar. O objetivo é preservar o texto da Comissão de Sistematização.

"É uma estratégia de atomização, pois se enfrentarmos o

Centrão no todo não vamos conseguir nada", informou o parlamentar gaúcho, que espera convocar a discussão caso a caso de todos os assuntos abordados nas propostas do Centrão. Os líderes partem do princípio de que o grupo vai ter a preferência (280 assinaturas) e, então, sedarão destaques ao texto. "Assim precisarão manter os 280 votos todo o tempo", explica Jobim.

A defesa do projeto aprovado na Comissão de Sistematização será, também, através de destaques, pois a preferência para o texto do Centrão não impede a votação de partes do texto de Cabral, apresentadas como emendas. "Atomizando", Jobim acha que o Centrão dificilmente manterá sua homogeneidade.

Cúpula acusa líder pela divisão

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O grupo histórico ou a chamada vanguarda do PMDB comete mais um grave erro político quando oferece o pretexto de que precisam as principais lideranças do Centrão para manter essa bolada amorfa e fisiológica, em sua grande maioria, em estado de permanente mobilização, de modo a influir decisivamente nos contornos da nova Carta Constitucional.

Esta é, em síntese, a conclusão a que chegam alguns dos mais qualificados amigos de Ulysses, os quais não escondem a irritação com o comportamento do líder Mário Covas, acusando-o de ter contribuído "com os seus amigos de gueto da esquerda para formar o Centrão, além de ter levado o Governo Sarney a refluir para uma clara posição de direita.

PREOCUPAÇÃO

Os setores mais ligados a Ulysses qualificam de erro político primário a decisão de Covas de articular a reunião dos históricos de sábado passado, formalizando claramente a divisão dentro do Partido e, em segundo lugar, de ter convocada o encontro da Bancada na Constituinte, seguindo a mesma "orientação suicida".

Assim agindo, Covas e seus aliados da esquerda do PMDB oferecem aos líderes do Centrão — Roberto Cardoso Alves, Ricardo Fiuza, Bonifácio de Andrada e outros — o pretexto de que precisam para manter essa corrente fisiológica em estado de mobilização permanente, "quando a conclusão do processo legislativo de mudança regimental indicava que o grupo já se achava em vias de um completo desbaratamento".

Depois de ter agido deliberadamente para que Sarney refluísse para a direita, depois de se sentir desamparado, por longo período, a chamada vanguarda do PMDB — de acordo ainda com a análise de políticos ligados a Ulysses — criou todas as condições favoráveis à articulação de um grupo que restaura todo o poder da chamada classe dirigente. Algumas decisões populistas na Constituinte, como o monopólio na distribuição de derivados de petróleo ou a estabilidade no emprego, foram os pretextos de que precisavam esses setores para se organizar.

Ao analisar os primeiros passos de Covas, esses políticos lembram sua consagrada escolha para líder do PMDB na Constituinte contando, inclusive, com o ostensivo apoio do Palácio do Planalto. Interessado, então, em contribuir para infligir uma derrota a Ulysses Guimarães, o todo-poderoso tripartidário, que tinha como candidato ao posto de Deputado e hoje Ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique.

Escolhido de forma tão consagrada, parecia aberto a Covas o caminho para ocupar uma liderança de relevo no Partido e



Severo deixa a casa de Ulysses, após o almoço